

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DESENVOLVIMENTISTA-REGIONALISTA AMAZÔNICO NO SÉCULO XX: uma análise a partir da influência da obra de Euclides da Cunha

Danilo Araújo Fernandes¹

RESUMO

Este texto trata de um estudo sobre a formação histórica e discursiva do pensamento sobre desenvolvimento da Amazônia no século XX. Destaca-se a influência de Euclides da Cunha e a conexão entre o ambiente nacional-desenvolvimentista brasileiro e a formação de uma tradição de pensamento regionalista amazônico baseado na obra de Gilberto Freyre. Nesse sentido, o texto destaca a importância de autores da região amazônica que desempenharam papel de destaque no debate sobre desenvolvimento da Amazônia nas décadas de 40, 50 e 60: como Djalma Batista, Arthur Cezar Ferreira Reis e Leandro Tocantins, os quais serão considerados alguns dos principais responsáveis pela elaboração de um discurso intelectual que, segundo uma das conclusões principais do estudo, ajudaram a configurar uma concepção ampla de desenvolvimento regional o qual atribuiremos o nome de desenvolvimento regionalista amazônico.

ABSTRACT

This text is a study of the historical formation and discursive thinking about development of the Amazon in the twentieth century. Highlights the influence of Euclides da Cunha and the connection between the environment and the Brazilian national development forming a tradition of thought regionalist Amazon based on the work of Gilberto Freyre. In this sense, the text highlights the importance of authors in the Amazon region which played a prominent role in the debate over development of the Amazon in the 40, 50 and 60: as Djalma Batista, Arthur Cezar Ferreira Reis and Leandro Tocantins, which are considered some major contributor to the development of an intellectual discourse that, according to one of the main conclusions of the study, helped to set up a broad conception of regional development which will assign the name "developmental-regionalist Amazon."

Sessões Ordinárias

Área 1. Metodologia e História do Pensamento Econômico

Sub-área 1.2. História do Pensamento Econômico

¹ Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) e do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA.

1 6 INTRODUÇÃO

O debate sobre a noção de desenvolvimento da Amazônia, tal como entendemos ainda hoje, tem suas raízes genealógicas relacionadas ao ambiente intelectual que se configura e se expande da Europa para a América Latina no final do século XIX e início do século XX.

Com base numa discussão ampla sobre o ideal de progresso entre povos de origem europeia, os intelectuais das nações recém-formada na América Latina, como o Brasil, iniciam um debate sobre as causas que pareciam à época alimentar e sustentar os entraves ao desenvolvimento e o progresso nestes países. Nesse momento, o lema positivista do progresso e seus correlatos ó baseados no ideal da evolução social, econômica e política de países considerados atrasados ó se transforma, assim, em uma categoria que irá influenciar sobremaneira os intelectuais brasileiros no período entre o final do período imperial e primeiras décadas do período republicano.

Autores como Euclides da Cunha, Oliveira Viana, Alberto Torres, serão, neste contexto, os grandes responsáveis pela construção de um novo arcabouço teórico segundo o qual se iniciará uma nova interpretação sociológica sobre o sentido do atraso brasileiro e o papel do Estado na construção de um projeto de desenvolvimento nacional.

Na Amazônia, este quadro geral também repercutiu a partir da influência exercida por cientistas naturalistas e antropólogos europeus e americanos. Além de escritores e políticos locais, como José Veríssimo e Tavares Bastos, que abordam os principais temas e questões referentes ao debate nacional sobre a questão racial e o tema do papel da imigração para o desenvolvimento regional amazônico.

No entanto, apesar da importância destes vários atores no contexto do debate intelectual brasileiro, não resta dúvida que será Euclides da Cunha aquele que conseguirá formar um novo padrão de interpretação ó de grande influência nos meios intelectuais brasileiros à época ó sobre o sentido do problema amazônico e dos pontos que deveriam ser colocados como sendo a causa de seus problemas mais fundamentais.

Em vários de seus artigos escritos no início do século XX ó mais tarde reunidos em livros como *À margem da História* e *Contrastes e Confrontos* ó Euclides lançaria o tema da *Amazônia nas linhas originais das preocupações da inteligência brasileira* (REIS, 1966, p.09). Seguindo esta perspectiva apontada por Arthur Cezar Ferreira Reis

(1966), entre outros, teria sido Euclides da Cunha um dos principais responsáveis pela *“divulgação dos quadros físicos e humanos em estilo que fez as delícias de um grande público no Brasil”* (REIS, 1966)². Ou seja, fez com que a problemática da Amazônia se divulgasse pelo país, transformando-o em verdadeiro responsável intelectual pela imagem que será construída no restante do país sobre a região, durante boa parte do século XX. Imagem que chega pela primeira vez aos brasileiros, ainda durante o primeiro período republicano, reforçando as fileiras de interpretação da Amazônia como região pouco conhecida e completamente abandonada aos olhos da República recém implantada no Brasil.

Aos fragmentos, esta foi a expressão que Euclides utilizou para revelar o estado de conhecimento sobre a Amazônia no início do século XX. Fragmentos considerados, por ele mesmo, como insuficientes e incapazes de representar, sozinhos, e com coerência interna, a realidade amazônica em toda a sua complexidade. Foi somente a partir do momento em que estes fragmentos começam a ser reunidos e interpretados a partir dos textos escritos pelo próprio Euclides da Cunha, que a Amazônia passa finalmente a representar, do ponto de vista heurístico, uma unidade temática a ser avaliada em seus aspectos ligados ao tema do desenvolvimento nacional. Assumindo a sua obra, neste sentido, o papel de um verdadeiro monumento síntese da região (ver Moraes, 2001).

Atribui-se aqui, portanto, a vários autores de grande importância para os estudos sobre a Amazônia no século XX, a Euclides da Cunha, o papel de ser o responsável por fazer a primeira grande síntese interpretativa da região por um ponto de vista nacionalista e regionalista, ao mesmo tempo. Tornando a Amazônia compreensível, por isso, aos olhos da intelectualidade brasileira, em pleno período de formação e florescimento de uma certa ideologia do progresso e do desenvolvimento no país. Interpretação que se estende na esteira da tradição dos grandes descobridores do interior do país. E que, por isso, o mantém em linha de continuidade em relação a sua obra anterior sobre *Os Sertões*.

É com base nesta constatação e da premissa de que seria a partir de Euclides da Cunha que uma inteligência nacional e amazônica inicia uma série de abordagens buscando ressaltar a natureza específica, porém complexa, do processo de construção de uma estratégia de desenvolvimento da Amazônia, que buscaremos neste texto trazer para a discussão sobre a formação do pensamento sobre desenvolvimento da Amazônia a

²Aqui vale a pena salientar também a referência feita por Arthur Cezar Ferreira Reis à importância da obra de Alberto Rangel em seu clássico *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*, de 1908. Obra conhecida ainda por trazer uma importante e influente apresentação, escrita pelo próprio Euclides da Cunha (que se tornou amigo de Alberto Rangel quando de sua passagem por Manaus).

hipótese de existência de uma linha de interpretação desenvolvimentista-regionalista de caráter regionalista, focada na busca por uma compreensão econômica e ecológica do desenvolvimento da Amazônia durante as décadas de 50 e 60.

Será com Euclides da Cunha, portanto, segundo nossa interpretação, que teremos pela primeira vez uma inserção realmente organizada de uma matriz de pensamento sobre a Amazônia em íntima relação com o desvendar dos problemas das desigualdades regionais do país. Uma abordagem que alia o ímpeto desenvolvimentista nacionalista das décadas de 50 e 60, com a observação rigorosa das peculiaridades, dificuldades e desafios do processo de desenvolvimento da Amazônia por um ponto de vista ecológico-econômico.

A problemática do interior do Brasil como espaço desconhecido e abandonado pela República, neste contexto, faz fileira na obra de Euclides da Cunha, em consonância com um debate etnográfico e culturalista sobre o qual o mesmo se insere no sentido de procurar desvendar os motivos de nossas desigualdades regionais. Em *Os Sertões*, Euclides realmente dá um passo fundamental para o lançamento de uma nova tradição intelectual no Brasil, uma tradição com forte preocupação com os problemas sociais e ecológicos, os quais seriam, à época, considerados como problemas típicos do interior do país. Mas que, sem dúvida alguma, também representam o resultado e uma marca de uma nação que pouco parecia se interessar pela realidade de seu povo do interior. Um desafio a ser superado por um projeto de integração nacional genuinamente construído com o intuito de alcançar o desenvolvimento e o progresso da nação brasileira como um todo.

Aqui fica claro o papel também que as populações locais na Amazônia deveriam ter em um projeto nacionalista de caráter integrador e não dissipador dos interesses regionais. Esta é uma das tônicas que irá influenciar sobremaneira as abordagens de Djalma Batista, Arthur Cezar Ferreira Reis e Leandro Tocantins nas décadas de 40, 50 e 60. Autores regionalistas interessados em um processo de integração da Amazônia, sem que para isso se tornasse necessário, no entanto, uma perda da integridade cultural da região e, por que não, dos interesses políticos e ideológicos de suas elites. Um projeto que irá disputar a hegemonia na cena política local no que diz respeito à concepção e implantação de estratégias de desenvolvimento regional durante as décadas de 50 e 60. Mas que, para desgosto de boa parte das elites locais, será desprestigiado a partir da implantação, entre outras coisas, da política de desenvolvimento nacional do governo militar no período pós 1964. Momento em que a implantação da estratégia desenvolvimentista autoritária deste último irá dissipar, por fim, qualquer interesse

regionalista em prol de uma estratégia centralizadora de desenvolvimento e ocupação da Amazônia a partir do Estado nacional brasileiro.

2 - A FORMAÇÃO DE UMA NOVA TRADIÇÃO INTELECTUAL DOS ESTUDOS SOBRE A AMAZÔNIA: A FASE PRÉ-DESENVOLVIMENTISTA

O marco da tradição desenvolvimentista na Amazônia é que terá seu auge na década de 50 e tem na obra de Euclides da Cunha, um momento crucial de seu devir histórico. Foi condutor de uma nova percepção sobre o sentido do problema regional amazônico, que tem nas primeiras décadas do século XX seu momento de maior difusão pelo país. Num contexto de mudança no cenário intelectual brasileiro em favor de um debate sobre a formação da nação, Euclides nos trás a percepção da importância de se desvendar os mistérios e desafios do interior do Brasil. E para isso, não abrirá mão de um debate sobre os dilemas da formação étnica de seu povo, assim como das contradições inerentes a seu processo civilizatório.

A viagem de Euclides da Cunha à Amazônia, neste contexto, tem início no ano de 1905. Indicado pelo Barão do Rio Branco para assumir o cargo de chefe da missão brasileira de reconhecimento das fronteiras entre Peru e Brasil, Euclides passa inicialmente por Belém, depois Manaus, até finalmente prosseguir por meses no reconhecimento dos rios Juruá e Purus, até a fronteira nacional com o Peru e a Bolívia. Dono de uma erudição e capacidade de observação impressionante, Euclides descreve em sua viagem características da terra e do homem da Amazônia que se transformarão em verdadeira síntese da região durante boa parte do século XX. A importância de Euclides enquanto possível precursor de uma tradição de viés desenvolvimentista na Amazônia, no entanto, se deve ao reconhecimento de sua influência sobre o debate a respeito da formação do Estado-nação brasileiro em sua missão e estratégia de integração da Amazônia ao restante do país.

Motivo de grandes controvérsias, a Amazônia representou um dos principais pontos do debate sobre a consolidação das fronteiras brasileiras em um ambiente de crescente preocupação com a integridade e com o fortalecimento de uma estratégia de desenvolvimento nacional. Uma nova força e dimensão geopolítica do debate, que terá ao longo do século XX um papel de fundamental importância no desenho da intervenção do Estado brasileiro sobre a região. Não é por um acaso que uma geração de intelectuais brasileiros se inspira em Euclides com o objetivo de reproduzir um discurso de exaltação da Amazônia como uma terra sem história que, por isso, necessita de enormes cuidados

em prol de uma estratégia de integração e controle territorial por parte do Estado Brasileiro. Uma verdadeira aventura ou epopeia em busca do controle do processo de integração física da Amazônia à civilização brasileira. Posição na qual se apoia também a clássica interpretação de Péricles Morais, escrita originalmente em 1933 (MORAES, 2001). Para ele, Euclides da Cunha representa um clássico da Amazônia, pois foi através dele que a Amazônia se tornou compreensível como um monumento integrado e não aos fragmentos, como se tinha anteriormente. Afirma ele: *“tinha razão, neste particular, Euclides da Cunha..., quando declarava que a Amazônia era conhecida apenas aos fragmentos, sob aspectos numerosos, mas parcelados, em traços fortes mas desconexos, sem ser jamais visionada de conjunto, porque ‘a inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa’* (MORAES, 2001, p.21).

Como visto, a natureza majestosa e ameaçadora da Amazônia era vista por Euclides e seus seguidores, como um dos grandes empecilhos para o seu desenvolvimento. Daí a necessidade urgente de sua sistematização e conhecimento como primeiro passo para seu projeto civilizatório em moldes nacionalistas. Uma tradição que se prolonga em nossa cultura política-institucional durante décadas, e que valoriza a necessidade urgente e constante de se produzir conhecimento cada vez mais aprofundados sobre a região, com o intuito de dominá-la em uma estratégia de integração definitiva da Amazônia ao território brasileiro, assim como de controlar as suas potencialidades físicas e naturais para o fornecimento de insumos e matérias-primas para o processo de industrialização brasileira.

2.1 Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido

Não resta dúvida, como vimos anteriormente, ao citarmos a literatura que trata da questão da formação do pensamento econômico e social brasileiro no século XX, que a obra de Euclides da Cunha representa uma das mais influentes perspectivas que alimentarão uma visão nacionalista sobre a natureza da questão amazônica; assim como de seu problema de ordem geopolítica ligada aos interesses do Estado nacional brasileiro. Uma perspectiva que ressalta a necessidade e importância da integração territorial da Amazônia à civilização nacional. Uma espécie de alerta às elites intelectuais e políticas brasileiras em sua pouca disposição em tratar dos problemas da população e da realidade do interior do Brasil. Problema que era visto, por Euclides, como sendo um dos fatores que havia resultado, no início do século XX, numa condição em que se mantinha a Amazônia, e seu povo, ainda à margem da história.

Neste sentido, podemos afirmar que Euclides da Cunha nos apresenta uma ampla visão dos problemas sociais e geopolíticos da Amazônia, em um momento, entre outras coisas, crucial para o desenrolar dos problemas de conflitos de fronteira e da formação dos limites territoriais do Brasil. Configurando, ao mesmo tempo, uma nova imagem e sentido histórico para o problema amazônico dentro de um quadro de debate sobre a constituição do Estado-nação brasileiro.

Passando ao largo, mas sem minimizar a importância de seu objetivo imediato com a delimitação das fronteiras, a obra de Euclides da Cunha representou principalmente, do ponto de vista interpretativo, uma transição de uma tradição naturalista e literária sobre a Amazônia, para uma tradição de pesquisa mais fortemente ligada à busca pelo desvendar do conhecimento científico voltado para o desenvolvimento regional. Um movimento intelectual que terá no objetivo do conhecimento das potencialidades naturais da Amazônia, por fim, seu ponto de chegada nas décadas de 50 e 60. Uma tradição que, no entanto, também viria a receber uma forte influência de viés regionalista com o desenrolar e amadurecimento da literatura *tropicologista*, que terá em Gilberto Freyre sua figura mais proeminente (BASTOS, 2006; SOUZA, 2003).

Será, portanto, da junção destes dois componentes (literatura científica e regionalismo tropicalista) que se formará uma nova tradição intelectual na Amazônia, em íntima relação com os anseios metodológicos presentes na obra embrionária de Euclides da Cunha. Fonte de inspiração de uma primeira leva de intérpretes da Amazônia, Euclides contribui nesse processo de transição ao alentar, pela primeira vez, e de forma organizada e contundente, a situação de abandono à qual se encontrava a região amazônica no início do século XX. Tornando-se assim a primeira grande expressão do sentido da ameaça à soberania brasileira que advém da condição de vínculos insipientes de uma parcela significativa de seu território em relação ao restante do país. Realidade crítica que se agrava com o desconhecimento completo de suas potencialidades.

Em um caso mais específico, e de interesse imediato neste trabalho, ressalta-se a proximidade visível, e de imediato, entre as perspectivas de Euclides da Cunha e três dos principais representantes da intelectualidade amazônica voltada para o tema do desenvolvimento regional nas décadas de 50 e 60; quais sejam: Djalma Batista, Arthur Cezar Ferreira Reis e Leandro Tocantins. Hipótese que se reforça ainda mais ao se aprofundar os estudos sobre as características da obra de Euclides da Cunha e sua relação com o tema da demarcação das fronteiras brasileiras e a problemática da soberania nacional. Como afirma Kassius Pontes: *õA defesa que Euclides da Cunha faz do*

desenvolvimento da região é, em verdade, resultado de seu nacionalismo e de seus temores com relação à preservação da integridade do território nacional ante a cobiça estrangeira (PONTES, 2005, p. 79)³.

No que diz respeito aos aspectos de ordem mais etnográficos, a obra de Euclides se tornou conhecida e influente, também, por alentar a preocupação com o futuro da população cabocla local e do sertanejo que veio à Amazônia em busca de um sonho de prosperidade. Aqui podemos perceber claramente a linha de raciocínio que alimenta as interpretações de Euclides desde seus escritos sobre os sertanejos em Canudos. E que se prolonga inclusive, sem grandes modificações, até seus escritos sobre a Amazônia. Em *Os Sertões*, Euclides já nos apresentava um olhar preocupado com o papel do sertanejo na construção do país. Agora, suas atenções se voltam para o caboclo amazônico, e junto a ele a saga do sertanejo nordestino em seu processo de adaptação ao meio inóspito da floresta. Ambas as perspectivas, portanto, apresentam um teor de crítica social e, ao mesmo tempo, de proposta de melhor integração das populações nativas do interior do país aos logros, e não só as penúrias, do processo civilizatório brasileiro em curso.

Foi inicialmente em um artigo chamado *o*Conflito Inevitável*o* e em dois artigos posteriores, datados de 1907 (*o*Brasileiros*o* e *o*Transaccreana*o*), que Euclides nos traz, pela primeira vez, uma visão mais clara e estratégica sobre a questão da necessidade de integração física da Amazônia em relação ao restante do país (PONTES, 2005). No texto intitulado *o*Brasileiros*o*, publicado originalmente pelo *Jornal do Commercio*, em 1907, Euclides ressalta a natureza do interesse histórico estratégico do Estado peruano pelo acesso à navegação do rio Amazonas. Um problema que, no entanto, somente viria a se configurar em uma empreitada colonizadora mais consistente com a descoberta do *caucho* como potencial fonte de exploração econômica. O que passaria a representar, a partir de então, um maior atrativo para a atuação do Estado peruano no sentido de estimular a ocupação dos dois principais afluentes do rio Amazonas, quais sejam: o rio Juruá e o rio Purus. Uma estratégia que tinha como fundamento a solução do chamado *o*problema do Oriente*o*, ou seja, a necessidade econômica e geopolítica dos peruanos em

³Sabemos que em 1957, Arthur Cezar Ferreira Reis escreve aquela que seria talvez sua obra mais conhecida, qual seja: *A Amazônia e a Cobiça Internacional*; obra escrita, sem margem a dúvidas, em estreito diálogo com a tradição inaugurada por Euclides da Cunha em seus manuscritos sobre a Amazônia do início do século XX. Em vários dos textos escritos por Arthur Cezar Ferreira Reis nas décadas de 50 e 60, se faz referência inclusive à obra de Euclides da Cunha como umas das principais interpretações já realizadas sobre a Amazônia. E é exatamente neste contexto que a obra de Arthur Cezar se transforma num verdadeiro grito de alerta que reforça a tradição de Euclides e que, não por um acaso, aparece em um momento em que se discutia a questão do *Instituto Hiléia Amazônica* e o significado de sua ameaça à soberania brasileira. A apresentação da proposta de criação do *Instituto Hiléia Amazônico* foi feita no ano de 1947, gerando uma grande polêmica que só seria sanada de modo definitivo com a implantação do *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)* em 1954 (RIBEIRO, 2005)

encontrar uma saída para o Atlântico. Uma estratégia que, segundo nosso autor, levaria a um conflito (inevitável) entre caucheiros (peruanos) e seringueiros (brasileiros).

Em termos mais amplos, no entanto, como afirma Kassius Pontes:

o propósito de Euclides ao discorrer sobre a questão parece ser o de contrastar o intenso interesse do governo do Peru com a ausência de políticas de ocupação do lado brasileiro... Apenas com o agravamento das tensões e com a organização de expedições armadas peruanas, em apoio à penetração dos caucheiros é que o governo brasileiro voltou suas atenções para a área em litígio, sem esboçar, contudo, um plano maior de integração física da Amazônia ao Brasil (PONTES, 2005, p. 103).

Ou seja, seguindo aqui os argumentos de Kassius Pontes, o propósito de Euclides nesse texto era ressaltar a ausência do Estado brasileiro na Amazônia, e ao mesmo tempo argumentar em relação a urgente necessidade de reversão desta perspectiva rumo a melhor integração da região ao território nacional.

No artigo intitulado *A Transacção de Euclides*, por outro lado, dá continuidade a sua leitura estratégica sobre a Amazônia, propondo uma integração física da região por meio da construção de uma estrada de ferro que percorresse o recém-incorporado território do Acre. Seu argumento principal seria o de que o povoamento da Amazônia teria seguido o leito dos rios, relegando ao abandono a parte interior da região (PONTES, 2005, p. 103-104). Daí a necessidade de uma estrada de ferro que pudesse melhor integrar todo o território brasileiro, inclusive o interior abandonado e sem vínculos estreitos com a civilização.

É evidente aqui a proximidade que nos remete a vincular uma influência das idéias de Euclides da Cunha sobre a obra de um dos principais pensadores sobre os problemas da Amazônia no século XX, qual seja: Leandro Tocantins. Em seu livro inaugural, publicado em 1952, sob o título *O Rio Comanda a Vida: cenas da vida amazônica*, Leandro Tocantins também procura nos mostrar a natureza rudimentar a qual vive a população amazônica do interior do Acre, em sua saga a percorrer o leito dos rios como único meio de transporte. Meio este que, por sua natureza determinante e fundamental para a vida de sua população, acabaria por orientar quase por completo a cultura regional rumo a uma situação de isolamento. Uma característica que da mesma forma, aos olhos de Euclides da Cunha, representava, no início do século, uma limitação a ser sobreposta por uma estratégia de integração física da Amazônia ao restante do Brasil.

Afirma Leandro Tocantins em uma de suas obras mais importantes:

As páginas escritas por Euclides da Cunha sobre o homem e a sociedade na Amazônia não encontram paralelo na literatura brasileira. No tom reivindicante.

Na revolta de espírito. No calor da acusação. Na fidelidade do retrato. Na agudeza da interpretação. Na originalidade e força do estilo. Em todos os capítulos de *À Margem da História*, embora uns e outros tratem de fenômenos geográficos, de cenas regionais, do clima caluniado, do problema de transportes, lá está, sempre e sempre, o homem e a palavra generosa do autor defendendo-o, revelando-lhe o caráter e as desditas, pedindo para ele uma vida mais justa e menos sofredora. O que Euclides fez nos Sertões clamando, estigmatizando, acusando, repetiria na Amazônia. A vocação de retratar brasileiromente as grandes regiões onde o homem vive os seus maiores dramas é o Nordeste e a Amazônia é marcou definitivamente o caráter de sua obra: o humano (TOCANTINS, 1966, p. 81-82).

A vocação desafiadora e denunciante de Euclides da Cunha é tão bem descrita e exaltada por Leandro Tocantins neste trecho é representa, sem dúvida alguma, uma das marcas de sua obra. O foco sobre a denúncia das condições de vida do homem do interior do Brasil (seja ele o sertanejo nordestino ou o caboclo amazônico), no entanto, permanece, mesmo assim, como um dos aspectos de maior controvérsia nos debates que se seguirão. Não é por um acaso que Euclides da Cunha apresenta aspectos dúbios em relação à sua avaliação no que diz respeito às condições e potencialidades de sobrevivência do sertanejo em condições adversas de clima e em um ambiente tropical hostil, como o da Amazônia. Euclides, desde *Os Sertões*, nos apresenta uma etnografia de viés muitas vezes racista em relação à percepção das potencialidades do sertanejo, visto agora pelo ponto de vista de sua relação com o meio inóspito da floresta amazônica. Elemento que não passará despercebido pela análise de vários intelectuais e autores desenvolvimentistas da região (ver PONTES, 2005; TOCANTINS, 1966).

A exaltação e admiração de Leandro Tocantins por Euclides da Cunha, apesar das ressalvas em relação às suas falhas etnográficas (TOCANTINS, 1966), no entanto, nos dá o tom da avaliação geral positiva que boa parte dos intelectuais da região tem pela obra do mestre de *Os Sertões*. Segundo Leandro Tocantins, seria Euclides o primeiro a apontar uma visão ecológica (com pretensão de buscar analisar as características e possibilidades da harmonização do homem à natureza) em relação a toda uma literatura regionalista e ecologista que viria a surgir em meados do século XX. Como afirma o autor paraense em outro trecho:

Ele [Euclides da Cunha] é o primeiro, em nosso país, a propor, embora de maneira um tanto indefinida, mas delineada, pela compreensão que nascia em si espontaneamente, os problemas de intimidade e harmonização entre homem e natureza, uma política de integração e mesclagem de valores nas áreas onde o homem ainda procura o seu equilíbrio biótico. Revela-se, assim, o primeiro engenheiro ecologista do Brasil (TOCANTINS, 1966, p. 85)

E em seguida:

Por todos os lados estão a terra e o homem preocupando o autor. Mesmo nos momentos em que se deixa influenciar pelos conceitos vigentes, há um sopro de inovação, um lampejo de raciocínio, que revelam, nele, o ecologista nato. Aliás, Gilberto Freyre, no estudo *Euclides da Cunha, Tropicalista*, já notara no escritor fluminense um ãgosto pelo que é local nas paisagens e nos homens, seu interesse ãpela cor, mas pela forma: a forma local, regional, ecológica. E não deixa nunca no vácuo ó o vácuo social ó os homens que literalmente esculpe: esculpe-os entre sugestões dos ambientes que lhes foram mais característicos (TOCANTINS, 1966, p. 85).

Vê-se assim, uma linha de interpretação sobre a obra de Euclides da Cunha que se aproxima da vertente de interpretação *tropicologista* de Gilberto Freyre (BASTOS, 2006). Não é por um acaso que para o mestre de Apipucos, Euclides da Cunha representa uma das vertentes inaugurais do regionalismo e da tropicologia no Brasil. Uma obra que valoriza as dimensões de análise que explora a interação do homem com o seu meio, e de ambos com uma realidade sociológica em constante processo de mutação e adaptação.

2.2 As primeiras influências e a formação de uma nova tradição intelectual regionalista amazônica durante a década de 30

Como visto no tópico anterior, a Amazônia de Euclides da Cunha ó com todos os seus elementos que parecem desvendar um sentido dúbio sobre o papel do ãhomem amazônico. Ó, também pode ser interpretada como uma prosa que visa demonstrar a incapacidade do sertanejo imigrante em empreender, por si só, uma mudança de perspectiva e um futuro promissor para a região. É nesse aspecto que podemos afirmar que para Euclides da Cunha, o ãhomem amazônico ainda é a expressão concreta da existência de raças inferiores (nordestinas e caboclas), consideradas incapazes de superar os desafios da floresta. Por esse ponto de vista, Euclides da Cunha passaria a ser considerado também como o autor que influenciou figuras de grande importância na literatura sobre a Amazônia na primeira metade do século XX: como Alberto Rangel (1908) e Alfredo Ladislau (1933) (MORAES, 1935). Transformando-se na matriz intelectual de uma verdadeira tradição literária e crítica sobre a Amazônia.

Uma região que passa, a partir de então, a ser representada perante a nação (segundo as próprias palavras de Euclides): como uma ãterra sem história; aonde ão homem é ainda um intruso impertinente; a ãterra mais nova do mundo; ãa última página, ainda a escrever-se, do Gêneses (CUNHA, 1999). Com esse cabedal de frases de efeito, Euclides consegue ilustrar, com grande apelo ao estilo literário em prosa, alguns

símbolos que se transformarão em verdadeira síntese no imaginário nacional sobre a Amazônia.

Em pleno início do século XX, Euclides desperta, com suas palavras, um sentido histórico e hermenêutico novo que irá alimentar um conjunto de intérpretes de grande importância no ramo da produção literária e científica brasileira sobre a Amazônia. Em sua obra clássica, de 1933, chamada *Terra Imatura*, Alfredo Ladislau, por exemplo, nos apresenta ó na esteira das linhas iniciais de interpretação de Euclides ó, um texto que mistura ensaio, crônica e poema em prosa, na linha impressionista que faria gosta na literatura brasileira do período. Dividida em 13 capítulos, a obra de Alfredo Ladislau nos apresenta personagens em diálogo que expressam ponto de vistas que vão do culto à lenda e à mitologia das águas, até a perspectiva do ensaio de ficção que explora os efeitos da crise da borracha e a saga do caboclo e do sertanejo (imigrante nordestino) em sua busca diária pela sobrevivência no domínio da selva amazônica (FARIAS, 2008).

Outra obra importante, neste sentido, foi *Inferno Verde*, de Alberto Rangel. Obra publicada pela primeira vez em 1908. Nesta obra, a tônica se mantém em uma inspiração tipicamente euclidiana. Muito mais pessimista e menos poética do que a obra de Alfredo Ladislau, no entanto, o texto de Rangel comporta onze contos que poderiam ser lidos também como um romance de onze capítulos; aonde, do enredo principal, transparece uma interpretação geral do espaço amazônico como um ente intransponível para grupos ou raças inferiores (KRÜGER, 2008). Um espaço complexo ao mesmo tempo capaz de representar uma espécie de ãinfernoö para alguns, assim como um possível Canaã de perspectivas de prosperidade para aqueles capazes de controlar, por meio do conhecimento, o meio natural inóspito da floresta. Dubiedade típica que segue a linha clássica de interpretação no trato da questão racial que acompanha, como vimos anteriormente, também os escritos de Euclides da Cunha desde *Os Sertões*.

No entanto, será exatamente com o intuito de contestar esse sentido mais negativo em relação a uma suposta capacidade das populações ãcaboclasö amazônicas, e sertanejas, em conseguir superar os desafios da floresta amazônica, que uma nova interpretação surge na década de 30. Uma perspectiva que terá uma grande importância para a formação dos intelectuais desenvolvimentistas amazônicos das décadas de 40 e 50. Trata-se da obra de Araújo Lima, que em 1933 escreve *Amazônia – A terra e o homem*. Um texto considerado por muitos como carregando ó pela primeira vez entre os literários amazonólogos desenvolvimentistas ó, um tom que, ao mesmo tempo em que se mantém na linha de interpretação ecológica de Euclides da Cunha, é capaz de apresentar e

recuperar uma visão mais otimista e etnograficamente favorável à valorização das virtudes do chamado *homem amazônico*. Uma obra que, por isso, do ponto de vista regionalista supera uma visão mais negativa que acompanha a obra de seu mestre em várias de suas passagens (MORAES, 2001, p. 45)

Com Araújo Lima, as letras na Amazônia parecem definitivamente assumir um sentido mais positivo para uma região que começa a deixar de ser vista como que entre dois grandes mitos: o do *paraíso* ou do *inferno verde*. Para ele, a Amazônia nada mais é do que uma terra mal aproveitada, com população escassa, e que sofreu com uma colonização exploradora durante séculos. E não uma terra inabitável ou habitada por seres inferiores (como muitos acreditavam ser o caso ainda àquela época). Uma terra, isto sim, ãfraudada e saqueadaõ, conforme expressão reproduzida por Péricles Moraes; que:

...considera, *a priori*, excluídas de suas cogitações de cientista as duas fórmulas díspares, que em nada contribuíram para definir e estabelecer o verdadeiro significado da região ignorada e indecifrável. Não se trata de inferno, nem de paraíso verde, que como classificações, para o conceito do sr. Araújo Lima, não passam de inócuas e reboantes metáforas, patenteando o erro de visão de observadores menos atilados, que a exaltam e a difamam sem lhe conhecer a estrutura complicada e prodigiosa. Trata-se, a rigor, de ãuma terra lastimavelmente fraudada e saqueadaõ, que parece agressiva, tal o desequilíbrio evidente entre a sua grandeza desmesurada e a sua população restritíssima. Não é outra senão a insuficiência numérica do homem, a causa das versões exageradas ou falsas que circulam nos livros dos escritores da Amazônia. O sr. Araújo Lima, quanto a esse ponto de vista, é peremptório: ãA terra não é insusceptível de ser domada; apenas ainda não o foi, porque o fator humano é mínimo, escasso, mas não incapazõ. No que concerne à sua apregoada insalubridade, demonstra, *ex-abundantia*, que ela é devido às conseqüências de uma colonização inferior, levada a efeito por gente inculta e fisiologicamente incapaz, corroborando, assim, em parte, juízo de Euclides, quando afirma que a letalidade nas planuras amazônicas, sendo, aliás, reduzidíssima, em proporção ao tamanho do território, resulta de sua recente abertura ao povoamento, aduzindo que o seu ãclima caluniadoõ, além de admirável, tem, sobretudo, a função superior de fiscalizar, sanear e moralizar a terra, contra a invasão das enfermidades e dos vícios (MORAES, 2001, p. 47-48).

Como pudemos verificar, a partir da reprodução das palavras de Péricles Moraes, Araújo Lima é tido como um admirador de Euclides da Cunha. Esta proximidade, no entanto, não o impediu de levantar pontos de discordância em relação ao autor clássico de *À margem da história* e *Contrastes e Confrontos*. Em Euclides da Cunha, como vimos, o elemento pessimista e desacreditado em relação às potencialidades do ãhomem amazônicoõ, se torna ainda uma das marcas de sua percepção mais forte sobre a região. Já para Araújo Lima, o problema não estaria no ãhomem amazônicoõ em si, mas sim ao

nosso padrão cultural inferior, que se tornou consequência de nosso processo histórico de colonização. Uma realidade que nos sinaliza no sentido de não imputar culpa ao sertanejo ou caboclo pelo subdesenvolvimento da região, e sim à história e ao colonizador inculto que se incumbia apenas de explorar as potencialidades naturais da região, sem nenhum objetivo mais profundo em desenvolvê-la. Uma nova perspectiva que se abre para leituras mais positivas e fortemente identificadas com um viés cultural mais progressista que, como veremos a seguir, começaria a se desenvolver ainda mais a partir da influência da literatura regionalista de Gilberto Freyre na década de 30. Uma tradição que se abre a novas perspectivas intelectuais em sintonia com um novo contexto de formação de um discurso desenvolvimentista em nível nacional.

3 A FORMAÇÃO DOS FUNDAMENTOS DE UMA IDEOLOGIA DESENVOLVIMENTISTA-REGIONALISTA NA AMAZÔNIA

A partir da década de 30, e mais especificamente durante a década de 40 e 50, no entanto, uma nova tradição de pensamento inspirada na literatura regionalista é a qual é sobreposta à trajetória ecológica na linha de Euclides da Cunha e seus seguidores é começa a demonstrar um novo vigor interpretativo, no sentido da leitura que se passa a fazer sobre as causas dos problemas amazônicos e sua relação com a ordem de funcionamento da sociedade brasileira como um todo.

Entre os autores que se destacam no trato da questão amazônica em uma perspectiva nacionalista, nesse período, podemos ressaltar a presença de figuras como Djalma Batista, Arthur Cezar Ferreira Reis e Leandro Tocantins (como já referidos anteriormente). Intelectuais amazonólogos e homens de ação ligados ao ambiente político e à administração pública local. Autores que expressaram uma leitura mais ampla sobre o sentido da questão regional amazônica em um contexto de discussões que perpassa o tema do desenvolvimento nacional e sua relação de confrontação e complementaridade com o problema regional brasileiro. Ou seja, autores que cumpriram um papel de mediadores entre uma certa tradição literária brasileira (modernista e regionalista) em seu processo de adaptação a um novo contexto desenvolvimentista que se fazia hegemônico durante boa parte das décadas de 50 e 60 no Brasil. Aonde se passa a colocar como prementes a preocupação com a questão regional como um problema a ser superado e enfrentado pela nação brasileira em sua estratégia de desenvolvimento nacional. Tudo isso em pleno período de forte influência da ideologia desenvolvimentista no país (ver BIELCHOWSKY, 1996).

A influência deste ambiente nacional-desenvolvimentista sobre o tipo de formação discursiva que se dá no seio dos debates sobre a questão regional amazônica é algo que, a nosso ver, ainda é pouco estudado pela literatura que trata da compreensão da formação do pensamento regionalista brasileiro como um todo. E que, por isso, merece uma atenção especial, tendo em vista o reconhecimento da importância que os debates sobre o desenvolvimento regional brasileiro exercem neste período. O que, sem dúvida alguma, deveria repercutir sobre a formação do pensamento regionalista amazônico: seja através de seu viés de negação, ou de complementaridade em relação à trajetória de pensamento desenvolvimentista em curso no país.

O ponto de corte, assim, para a escolha dos autores considerados representativos desse período, foi a influência da tradição regionalista e desenvolvimentista sobre as suas obras, assim como o seu papel de liderança política e o poder de influência como verdadeiros intérpretes regionais em relação a uma nova estratégia de articulação e implementação de um projeto de desenvolvimento amazônico em sintonia com os grandes temas nacionais. Uma estratégia que perpassa por uma codificação e adaptação dos anseios desenvolvimentistas mais amplos, que se espalhavam como um espírito de época, e que assumem, na Amazônia, a forma de discurso culturalista e desenvolvimentista renovado em favor de uma nova leitura dos problemas regionais de desenvolvimento da Amazônia.

3.1 Djalma Batista, a defesa da cultura e a importância da questão regional amazônica

Em um artigo escrito em 1938, chamado *Letras da Amazônia*⁴, um dos grandes intelectuais amazonólogos do período desenvolvimentista das décadas de 50 e 60, chamado Djalma Batista, nos apresenta uma resenha de grande valor para os estudiosos interessados na compreensão da produção literária sobre a Amazônia do início do século XX. Num dos tópicos do texto, chamado *Reveladores da Amazônia*, Djalma Batista ressalta a importância da obra de Euclides da Cunha e alguns de seus seguidores (como Alberto Rangel e Alfredo Ladislau, destacados anteriormente) para a formação de uma tradição de homens de letras que haviam revelado a Amazônia aos brasileiros.

⁴Este artigo foi recentemente incluído numa coletânea com textos escritos em diferentes períodos, por Djalma Batista, e publicada pela Editora Valer, em 2006, com o título: *Amazônia: a Cultura e Sociedade*. Na coletânea o artigo compõe o primeiro capítulo, com o mesmo título original, com o nome de *Letras da Amazônia*.

Para Djalma Batista, o interesse no trato da questão amazônica se inicia quando o mesmo escreve um texto chamado *Letras da Amazônia (1933)*⁵. Considerado um autor de grande importância para o estudo da história das instituições científicas na Amazônia, Djalma Batista foi diretor do *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)* de 1959 até 1968. Médico preocupado com questões de saúde pública foi também responsável por uma das obras mais representativas para o tratamento do chamado enigma amazônico, qual seja: *O Complexo da Amazônia (1976)*, em que o mesmo concebe a Amazônia como uma unidade cultural que, acima de tudo, deveria ser estudada em profundidade, tendo em vista seu desenvolvimento por meio da cultura.

No que diz respeito a suas contribuições mais diretamente associadas ao período desenvolvimentista das décadas de 40, 50 e 60, Djalma Batista destaca-se como um dos principais autores no trato da questão regional amazônica, visto por uma perspectiva mais ligada ao debate sobre a sua relação com a questão nacional brasileira. Neste sentido, uma das grandes marcas de sua obra foi a preocupação com as conexões entre o regional e o nacional em uma análise que busca privilegiar a interligação destas duas dimensões. Para ele, fundamentalmente, como afirma Renan Pinto, *as desigualdades regionais são produzidas no processo de formação da própria idéia de Brasil* (PINTO, 2007, p. 176). Daí a relevância que o mesmo atribui à necessidade de se implementar, entre outras coisas, instituições de pesquisa com um forte viés e preocupações direcionadas para a solução e afirmação da cultura científica regional em um contexto de afirmação de uma estratégia desenvolvimentista em nível nacional. Ou seja, que apenas uma transformação profunda, inclusive nos níveis de conhecimento produzidos e sobre a Amazônia, poderia realmente orientar uma mudança significativa de rumos em seu processo de desenvolvimento histórico.

Em relação ainda ao trato da questão nacional-regional, Djalma Batista é enfático na defesa da perspectiva de que a problemática regional amazônica faz parte de um leque mais amplo de questões regionais que dizem respeito, e são inseparáveis, à ordem de problema de interesse da formação cultural brasileira como um todo. Uma região estigmatizada como distante e vasta é portanto, difícil de ser ocupada pelo processo civilizatório e pela modernização brasileira e, à Amazônia parecia até então ser negado (inclusive pelo ponto de vista intelectual) o privilégio de poder desenvolver-se. Privilégio este concedido apenas às regiões mais ao sul do país. Uma visão considerada pessimista,

⁵Segundo Pinto (2007), *Letras da Amazônia* foi o resultado de uma conferência que se transformou em livro, e que representa uma síntese da produção literária sobre a Amazônia no início da década de 30.

e a qual Djalma Batista irá se contrapor, reforçando as fileiras que começam a se constituir como críticas às tradicionais visões da Amazônia como uma õterra sem históriaö; e daí, como consequência, como terra também õsem futuroö. Uma Amazônia, considerada agora como õcriadaö e õinventadaö, principalmente, por relatos superficiais de viajantes que por aqui passaram durante séculos, e não como uma realidade inabalável.

Contra esta tradição determinista e pessimista, Djalma Batista aposta na necessidade de se fornecer estudos cuidadosos *õque possam iniciar um processo de desvendamento de toda uma literatura marcada pela superficialidade e falseadora do realö* (PINTO, 2007, p. 177). Um projeto de desenvolvimento marcado pela necessidade de investimentos em ciência e na produção de conhecimento, assim como na formação de uma elite intelectual local. E que para isso, se fazia necessário, por outro lado, um engajamento efetivo no trato da questão regional, em sintonia com estudos comparativos da Amazônia em relação à formação social e cultural brasileira. Um engajamento com o intuito de desvendar os enigmas de nosso subdesenvolvimento e as necessidades para a sua superação.

Em um outro artigo datado da década de 40, chamado *O cultivo da terra como fator primário na solução do problema alimentar: a criação de uma consciência agrícola*⁶, Djalma Batista ó sob os efeitos das idéias nacionalistas e progressistas então em moda (PINTO, 2007, p.177) ó, ressalta a importância da subordinação colonial do Brasil em relação a Portugal, e de seus efeitos em termos da formação de uma estrutura agrária colonialista e escravocrata no país. Ao fim, trata da questão agrícola específica na Amazônia, e de sua necessidade de aprofundamento e desenvolvimento em termos da necessidade de suprimento da nossa produção alimentar⁷.

Apesar da importância da passagem de Djalma Batista por temas como a agricultura e os dilemas do extrativismo e da nutrição alimentar, é sobre o tema da cultura, educação e da saúde pública, propriamente ditas, que se concentram os seus principais esforços pessoais. Em um texto publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, em 1955, chamado *Cultura Amazônia (ensaio de interpretação)*, Djalma Batista nos apresenta uma análise das deficiências da formação cultural da Amazônia que, em sua visão, não derivam de supostos limites raciais presentes em alguns

⁶ Artigo, segundo Pinto (2007), apresentado por ocasião do Terceiro Congresso Médico Social Brasileiro, em outubro de 1947, em Porto Alegre (PINTO, 2007, p. 177).

⁷ Sobre esse ponto, não podemos esquecer que, a esta altura, já se torna corrente nos meios intelectuais da Amazônia, a percepção sobre a importância de um aprofundamento da produção agrícola em detrimento de um ideal exclusivamente extrativista e voltado apenas para o fornecimento do mercado externo, sem preocupações com os dilemas de abastecimento interno e do barateamento dos custos alimentares e de mão de obra na região.

argumentos de nossos principais intérpretes, como Euclides da Cunha. Reforçando daí o argumento a favor do prosseguimento dos estudos científicos com o intuito de desvendar as reais possibilidades (õenigmaö) de nosso desenvolvimento. Afirma ele:

Porque não há a duvidar, positivamente, de que a Amazônia, agora, paira ainda acima da capacidade dos homens que a habitam, porque inferiores ó em número com especialidade ó e dos que a interpretaram, porque a situação da terra ainda não está definitivamente estabelecida em relação ao homem. Mesmo assim, Euclides e Araújo Lima deram-nos estudos mais de ciência que de literários, condensando, sintetizando, toda a Amazônia conhecida, toda a Amazônia descoberta (BATISTA, 2006, p. 64-65).

Uma abordagem que, como vimos anteriormente, busca superar alguns dos limites de viés pessimista e superficial de alguns dos principais intérpretes da Amazônia no início do século XX, em favor de um olhar mais voltado para um aprofundamento das pesquisas científicas direcionadas para o desenvolvimento da cultura e da formação de uma elite regional como um caminho para a difusão de conhecimento e progresso para o restante da população. Aqui nesse momento, sua contribuição se alimenta de um debate regionalista e culturalista em voga nas décadas de 40 e 50. Vertente de interpretação do país que se constitui em um processo de tentativa de conexão entre componentes universais do debate sobre desenvolvimento nacional e outros de natureza mais locais, ambos relacionados em um processo de produção de conhecimento sobre a região (COSTA, 1997). Componentes que do lado da vertente regionalista se alinharão às perspectivas de Gilberto Freyre em sua chamada abordagem *luzotropicologista*. O que pode ser verificado no seguinte trecho, enquanto tópico final de um texto escrito originalmente em 1955:

O Brasil no mundo é a terra onde a fusão das raças se fez e se faz naturalmente, num processo de revitalização dos sangues, original e provadamente vantajoso; é o país que na admite a guerra de conquista; e que fixou na sua Lei Básica o princípio da igualdade inalienável (BATISTA, 2006, p. 96).

Fica evidente aqui, também, a herança e influência de Gilberto Freyre sobre a obra de Djalma Batista. Em *Da habitabilidade da Amazônia*⁸, Djalma Batista ressalta aspectos do problema ecológico e do tipo de adaptação inadequada que, segundo ele, havia sido a regra na região durante séculos. Ressalta ainda o problema não da superioridade de raças, e sim da cultura europeia, como fator determinante de algumas das nossas diferenças em termos de desenvolvimento em relação a alguns outros países:

⁸ Escrito em 1963, por ocasião de um evento no Rio de Janeiro e publicado em 1965, na série *Cadernos da Amazônia*, n. 4, do Inpa (BATISTA, 2006, p. 113, nota de rodapé).

Embora predominando o sangue índio, na população da Amazônia, podem ser considerados presentes elementos das três raças (caucasóide, mongolóide e negróide) da mesma forma que na população brasileira, em geral. E será isso um mal? Decorrerá daí o atraso da Amazônia e a dificuldade de dominá-la, pela fixação do homem? Excluindo a concepção da superioridade das raças, que já levou a superdesenvolvida Alemanha a perder duas guerras, é preciso convir que há uma superioridade cultural das raças. O branco da Europa e da América do Norte é civilizado não por causa do pigmento da pele ou da conformação do crânio, e sim por ter atrás de si mais de um milênio de cultura, a que se incorporaram as heranças oriental, da Grécia, do Império Romano e do Cristianismo (BATISTA, 2006, p. 123).

Nada poderia ser mais próximo da antropologia cultural americana de Franz Boas, entre outros, a qual despertava admiradores no Brasil sobre a mais forte influência e intermediação de Gilberto Freyre. A questão da ecologia como ciência da adaptação do homem ao meio, por meio da cultura, aqui também faz fileira na obra de Djalma Batista. Batista faz ressalva ainda, enquanto influência, à importância da obra de Araújo Lima para seus estudos sobre a ecologia amazônica. Diz ele: *“A interação entre homem e meio é de longa data conhecida e discutida, sendo conceituada magistralmente nos primeiros capítulos do famoso livro de Araújo Lima, ‘A Amazônia, a Terra e o Homem’”* (BATISTA, 2006, p. 99). Aqui fica claro, mais uma vez, a admiração que Djalma Batista nutre por Araújo Lima em seu esforço pelo desvendar científico e analítico das reais condições ecológicas de adaptabilidade do homem ao meio amazônico. Por fim, podemos sintetizar a visão de Djalma Batista a partir de suas próprias conclusões em termos de em exercício de pergunta e resposta. Diz ele ao final de seu texto publicado na série *Cadernos da Amazônia* do Inpa, em 1965:

Possui a hinterlândia amazônica satisfatórias condições de habitabilidade? Sim, respondemos afinal, considerando que a terra pode e deve ser dominada, pela técnica e pela ciência, e o homem pode e deve aprimorar sua cultura, pela educação e pela higiene, dentro de uma sociedade regida por novas diretrizes econômicas. Não parece verdade que o homem tenha sido o intruso impertinente do anátema euclidiano (BATISTA, 2006, p. 151).

Estas conclusões nos indicam o teor de algumas das diferenças que permeiam e compõem a diversidade interna do discurso regionalista e culturalista amazônico das décadas de 50 e 60. Djalma Batista, neste sentido, representa com maestria uma vertente do regionalismo desenvolvimentista amazônico com forte interação com a tradição culturalista de Gilberto Freyre e com a perspectiva antropogeográfica mais otimista que começava a se desenvolver em relação ao papel do *homem amazônico* para o desenvolvimento regional. Faz referência, também, como vimos inúmeras vezes, a obra

de Euclides da Cunha, demonstrando a importância que esse autor ainda representava enquanto referência para os debates que se seguem sobre a Amazônia ao final da Segunda Guerra Mundial, assim como ao longo do período do auge do desenvolvimentismo brasileiro na década de 50.

3.2 Arthur Cezar Ferreira Reis, Leandro Tocantins e a busca pela conciliação ecológica como estratégia de desenvolvimento regional para a Amazônia

A influência das obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre estão mais do que nunca presente e representados, também, nas obras de dois outros importantes intelectuais amazônidas; quais sejam: Arthur Cezar Ferreira Reis e Leandro Tocantins. Autores que representam boa parte do que de mais significativo poderia existir em termos da formação de um pensamento regionalista engajado no projeto de desenvolvimento da Amazônia durante o período desenvolvimentista brasileiro. Homens de grande influência sobre os meios intelectuais e políticos regionais amazônicos, serão eles os principais responsáveis intelectuais pela incorporação de uma matriz de pensamento *tropicologista* na Amazônia durante as décadas de 50 e 60. Uma nova vertente inspirada em uma perspectiva de valorização da Amazônia como uma estratégia de fortalecimento nacional de um modelo de desenvolvimento e integração da região ao restante do Brasil. Um projeto, no entanto, que busca o muito próximo da perspectiva de Gilberto Freyre o manter-se em forte sintonia com a preservação dos valores da cultura regional e com a identidade ecológica de sua população.

Leandro Tocantins tem sua obra inaugural publicada pela primeira vez em 1952 o *O Rio Comanda a Vida: cenas da vida amazônica* o um das grandes referências intelectuais do período. Na década de 60, o mesmo publicaria ainda duas outras importantes obras: uma em 1961, chamada *Amazônia: natureza, homem e tempo*; e outra em 1966, chamada *Euclides da Cunha, e o Paraíso Perdido*. No total, o conjunto das obras destes dois autores o escritas em sua maioria nas décadas de 50 e 60 o representa de certa forma o espírito da intelectualidade da época, responsável pela elaboração de um discurso culturalista e ecológico em íntima ligação com o tratamento da questão regional brasileira.

Em comum, a influência marcante de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, além de um forte apreço pela necessidade de valorização da cultura regional enquanto ingrediente de um projeto de valorização econômica da Amazônia. Um projeto que busca, ao mesmo tempo, uma estratégia de conciliação entre o projeto nacionalista e de industrialização do

país; e um projeto intelectual de matriz tropicológica (a chamada *Amazontropiologia*), que visa compreender o papel da cultura regional como ingrediente ecológico de sustentação do bioma amazônico, em uma linha de pensamento muito próxima à *lusotropiologia* de Gilberto Freyre.

Foi mais especificamente com Arthur Cezar Ferreira Reis, que a tradição regionalista de Gilberto Freyre começa a influenciar grande parte da inteligência regional durante a década de 40 e 50. Historiador de longas datas, Arthur Cezar representa um perfil de intelectual engajado com características muito específicas. Político habilidoso e homem de cultura, Arthur Cezar Ferreira Reis foi o primeiro superintendente da SPVEA, governador do estado do Amazonas e, por várias vezes, interlocutor do governo federal para assuntos sobre a Amazônia ó inclusive durante o período militar. Foi também delegado do conselho federal de cultura e membro da academia amazonense de letras. Em sua vida acadêmica foi responsável pela construção de todo um arcabouço de interpretação histórica da Amazônia que ainda hoje se mantém como entre as mais influentes obras e estudos historiográficos sobre a região.

Arthur Cezar Ferreira Reis foi um dos grandes intelectuais amazônicos entusiastas da colonização portuguesa no Brasil. Sob forte influência de Gilberto Freyre, Arthur Cezar passa a representar a expressão historiográfica amazônica que mais destaca os logros da colonização portuguesa na região. Fazendo coro com as interpretações do mestre de Apipucos, ele ressalta o elemento de adaptação do português em relação ao ambiente hostil dos trópicos úmidos, assim como sua luta pela preservação da integridade do território nacional brasileiro. Um verdadeiro entusiasta da tradição cultural amazônica herdeira de sua matriz lusitana em sua possibilidade de se transformar em antídoto para nossos problemas mais diretamente associados às desigualdades regionais e ao modelo de modernização a ser perseguido pela Amazônia em meados do século XX. Um precursor do regionalismo tropicologista mais puro, só que em terras amazônicas (TOCANTINS, 1966).

Em ambos os autores, portanto, a presença marcante da obra de Gilberto Freyre é algo que se destaca a partir da influência de noções como a de *tropiologia*, que se transverte em *amazontropiologia* nas mãos de Leandro Tocantins (TOCANTINS, 1982). Em Leandro Tocantins isto se torna mais evidente a partir da obra *Amazônia: natureza, homem e tempo*, de 1961. Em Arthur Cezar Ferreira Reis, por sua vez, desde os seus primeiros estudos a influência de Gilberto Freyre já se fazia nítida. No geral, ambos os autores, junto com Djalma Batista, podem ser considerados como os principais

representantes de um corpo intelectual de pensamento amazônico amplo voltado para a formação de um discurso regionalista com um forte viés de discussão sobre o problema da integração nacional ó tendo em vista como premissa a necessidade de preservação dos valores culturais e ecológicos amazônicos. O *homem amazônico* aqui é chamado a cumprir o seu papel de mediador entre o desejo de progresso das elites regionais e nacionais e a manutenção de um equilíbrio ecológico do bioma amazônico. Como afirma Odenei de Souza Ribeiro:

A palavra integração adquire, para Tocantins, um sentido de conciliação, assumindo as dimensões de uma idéia de marcha, de um processo social que procure harmonizar unidades diversificadas. Um processo que vise aproximar ou conciliar entidades diversificadas numa reunião coesa. O projeto de valorização da Amazônia, proposto a partir dessa concepção, assume um caráter de continuidade no tempo de uma forma de dominação do passado, ao propor a coexistência de valores dentro de um equilíbrio harmonioso entre tradição e modernidade. O passado preenche os poros do presente impedindo qualquer forma de ruptura. Assim, a oligarquia decadente preserva seu poder em meio às mudanças (RIBEIRO, 2007, p. 332).

Fica cada vez mais evidente aqui o sentido conciliatório e político que a noção de *valorização econômica da Amazônia* (que foi incluída na constituição de 1946) adquire na construção de um projeto genuinamente voltado com o intuito de fortalecer um projeto de desenvolvimento nacional em sintonia com as aspirações progressistas das elites regionais amazônicas⁹.

4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar ao longo do texto, considera-se que o debate que se inicia nas primeiras décadas do período republicano brasileiro, encabeçado por autores nacionalistas como Euclides da Cunha, entre outros, representa um ponto crucial na construção de uma nova perspectiva hermenêutica de elaboração de um projeto de desenvolvimento nacional e regional em relação à Amazônia. Como resultado desse período, constitui-se um arcabouço de interpretação que salienta a necessidade de integração territorial da Amazônia em relação ao Brasil.

⁹ Aspiração esta que será deliberadamente desprestigiada com a implantação do regime militar em 1964. Inicia-se, a partir de então, um processo de centralização do poder em mãos do governo federal que irá modificar de maneira significativa às condições de possibilidade de se prosseguir com um discurso regionalista em um contexto em que a tônica nacionalista acaba por suplantando os interesses das oligarquias regionais. Um momento em que uma nova tecnocracia militar se alia aos interesses de grupos hegemônicos (nacionais e internacionais) em busca de um processo de controle do aparato estatal em prol do estímulo a um processo de homogeneização e difusão do capital em direção à Amazônia. Suplantando por completo os interesses das elites regionais, e iniciando uma nova etapa na elaboração intelectual e construção de estratégias de cunho desenvolvimentistas sobre a Amazônia.

Por outro lado, a mítica de uma selva indomável e de uma região onde ão trem da história parece nunca passarõ; representa, em boa parte, a imagem que por fim ficou construída, e que tem em Euclides da Cunha sua principal fonte inspiradora. Um intérprete que se agiganta sobre a Amazônia com o respaldo e inspiração ao mesmo tempo literária e científica. Autor já consagrado de *Os Sertões*, Euclides da Cunha se ãembrenha na mataõ com o intuito de desvendar, entre outras coisas, o caminho do nordestino (sertanejo), o qual já havia conhecido e investigado durante sua passagem pelos sertões em Canudos. Nesse sentido, Euclides parecia querer continuar acompanhando as aventuras do emigrante nordestino pelo interior do Brasil; e daí avançar em sua investigação pelo desvendar dos mistérios da formação da nação e do povo brasileiro do interior.

Ao se defrontar com a Amazônia ãdescobreõ, no entanto, uma região que lhe parece ameaçadora e banhada de mitos e desassossegos de ordem física, mitológica, social e econômica. Componentes que se tornariam matéria-prima para uma das mais influentes interpretações em prosa já feita sobre a região. Um padrão de interpretação literário que, no entanto, será acrescido, a partir das décadas de 30, de uma nova geração de intérpretes que começam a acrescentar ao estilo da prosa científica de Euclides da Cunha um estilo de análise mais fortemente ligado a uma tradição regionalista, a qual terá nas figuras de Djalma Batista, Leandro Tocantins e Arthur Cezar Ferreira Reis alguns de seus principais idealizadores e artífices mediadores de uma estratégia desenvolvimentista em nível nacional.

Aqui, no entanto, descobrimos claramente em Euclides da Cunha um fio condutor responsável pela transição entre estes dois momentos marcantes da literatura amazônica. De um lado, uma tradição literária com fortes componentes deterministas oriundos dos ensaios de cientistas naturalistas europeus; de outro, uma tradição de literatura em prosa, mais ao estilo regionalista, que terá uma forte influência sobre a geração de ensaístas amazônidas nas décadas de 40, 50 e 60 (geração que crescerá já sobre a influência da tradição *tropicologista* e *regionalista* de Gilberto Freyre). Movimento intelectual que levará, por fim, à formação de uma nova geração de intelectuais amazônicos que marcarão sua presença nos debates sobre a estratégia de elaboração do Plano de Valorização Econômica da Amazônia durante o período de auge do nacional-desenvolvimentismo na década de 50. Uma nova perspectiva que se alimenta dos ares do nacional-desenvolvimentismo com o intuito, no entanto, de preservar os chamados valores culturais amazônicos, mas ao mesmo tempo colaborar com o processo de

industrialização e desenvolvimento do país. Resguardando, ao mesmo tempo, os interesses tradicionais de grupos hegemônicos locais (RIBEIRO, 2007). Configurando o que propomos aqui denominar de projeto òdesenvolvimentista-regionalista amazônico.

5 6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo, SP: 34, 1994.

BASTOS, Elide Rugai. *As criaturas de prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, SP: Globo, 2006.

BATISTA, Djalma. *Amazônia – cultura e sociedade*. Manaus, AM: Valer, 2006.

BIELSCHOWSKY, Ricardo [1988]. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1996.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

_____. *Contrastes e Confrontos*. 1907.

FARIAS, Élson. *Terra imatura – ensaio ou ficção*. In: LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*. Manaus, AM: Valer, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *Gilberto Freyre e Oliveira Lima: Casa-grande & Senzala e o contexto historiográfico do início do século XX*. História, São Paulo, SP: UNESP, 2001. v.20.

KUNTZ, Rolf. Alberto Torres ó A organização nacional. In: MOTA, L. D. (Org). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo, SP: SENAC, 2001.

LADISLAU, Alfredo. *Terra imatura*. Manaus, AM: Valer, 2008.

LOBATO, Sidney da Silva. *Lições de história da Amazônia: a obra de Arthur Cezar Ferreira Reis*. In: OLIVEIRA, A. e RODRIGUES, R. (Org). *Amazônia, Amapá: escritos de história*. Belém, PA: Paka-Tatu, 2009.

MORAES, Péricles. *Os intérpretes da Amazônia*. Manaus: Valer e Governo do Estado do Amazonas, AM. 2001.

PINTO, Renan Freitas. Djalma Batista: artigos de jornal. In: BASTOS, E. R., PINTO, R. F. (Org). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus, AM: EDUFAM, 2007.

_____. *Viagem das idéias*. Manaus, AM: Valer, 2008.

PONTES, Kassius Diniz da Silva. *Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia*. Brasília: Funag, 2005.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1953.

_____. [1957]. *A Amazônia e a cobiça internacional*. São Paulo, SP: Companhia ed. Nacional, 1978.

_____. [1966]. *A Amazônia e a integridade do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2001.

RIBEIRO, Odenei de Souza. *Tradição: uma intersecção entre passado e futuro*. In: Bastos, E. R., Pinto, R. F (Org). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: ed. Universidade Federal do Amazonas, 2007.

SOUZA, Jessé. *A atualidade de Gilberto Freyre*. In: Kosminsky, E. V. *et al.* (Org). *Gilberto Freyre: em quatro tempos*. Bauru: Edusc, 2003.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TOCANTINS, Leandro. [1952] *O Rio Comanda a Vida: uma interpretação da Amazônia*. Companhia Editora Americana, Rio de Janeiro, 1972.

_____. [1960]. *Amazônia – natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro, 2 ed., 1982.

_____. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.